

O QUE É A LÍNGUA SE A PSICANÁLISE E O MATERIALISMO HISTÓRICO EXISTEM?

Lauro José Siqueira Baldini*
IEL-UNICAMP
Thales de Medeiros Ribeiro*
IEL-UNICAMP

Resumo: Neste ensaio, buscamos compreender como se dá a relação da língua com a língua em Gadet e Pêcheux, considerando a posição materialista dos autores. Colocamos em questão a aliança contraditória de Gadet e Pêcheux com o trabalho de Milner. Dividimos esse ensaio em duas partes. Na primeira, situamos o momento em que Pêcheux aposta na existência de um real próprio à língua e à história. Na segunda, produzimos um gesto de leitura sobre um aspecto específico que materializa o posicionamento de Gadet e Pêcheux quanto à relação entre o real da língua e o real da história: o poético, percurso atravessado por reflexões de Saussure, Jakobson e Milner.

Abstract: In this essay, we try to understand the relation between language and language in Gadet and Pêcheux, considering the materialistic position of these authors. We question the contradictory alliance of Gadet and Pêcheux with Milner's work. We divide this paper in two parts, in the first, we situate the moment when Pêcheux stands for the existence of a real proper to language and to history. In the second, we produce a reading gesture on a particular aspect that embodies the positioning of Gadet and Pêcheux regarding the relation between the real of language and the real of history: the poetic, a path crossed by reflections of Saussure, Jakobson and Milner.

A esse preço a linguística pode se fazer ouvir: entediante, às vezes, em relação a essa Outra via a que ela se fecha; inoportuna, frequentemente, por se sustentar no vértice de um impossível; mas não infeliz — se, ao menos, ela não fracassar na escrita de suas decifrações. Operação difícil, sem dúvida, mas que conheceu sucessos: raros, incomensuráveis uns aos

outros, inimitáveis, dependendo da pura sorte... eles são, contudo, testemunhas. Ainda é preciso, para que eles sejam reconhecidos, que o ser falante, convocado pelo linguista a se admitir como tal, aceite o mínimo: *que ninguém é mestre de língua; que nela insiste um real; que, por fim, língua sabe*. Então, por pouco que o linguista não falhe em possuir um certo tato, poderá realizar-se nalgum ponto das escritas científicas a feliz coincidência da regra e do *Witz*. (MILNER, [1978] 2012, p. 126, grifo nosso).

1. Introdução

Ao longo de seu percurso, “Michel Pêcheux constantemente fazia referência ao pensamento lacaniano na construção do objeto teórico complexo e contraditório que até hoje move nosso desejo: o discurso” (BALDINI; ZOPPI-FONTANA, 2015, p. 11). O modo como a psicanálise comparece na obra de Pêcheux é sinal de aproximações, distanciamentos e angústias que marcam momentos distintos da elaboração do conceito de discurso em suas relações com a língua, com a história e com o inconsciente. Como sabemos, não há leituras inocentes: não se trataria, portanto, de qualificarmos (ou desqualificarmos) a leitura que Pêcheux faz de Lacan, mas de flagrarmos “os momentos em que algo dessa leitura pode ser extraído e compreendido enquanto tomada de posição com relação ao campo da psicanálise” (BALDINI, 2012, p. 1).

Talvez não seja excessivamente simplista afirmar ainda que, além da presença da psicanálise, o que caracteriza a Análise de Discurso, ou, pelo menos, o trilhamento teórico percorrido por Pêcheux, é uma aliança entre uma certa leitura de Marx, via Althusser e uma certa leitura de Saussure para além da vulgata do *Curso*¹.

Se podemos afirmar que o discurso (objeto complexo e contraditório) é compreendido por Pêcheux a partir das problemáticas da linguística, da história e da psicanálise, seria impossível pensar que essas relações de “aliança” se deram de forma homogênea em seu percurso teórico. Desde o início de seu trabalho, Pêcheux já havia notado que a sustentação de uma teoria materialista do discurso supunha um trabalho incessante de *reconfiguração* de seu próprio lugar no interior da dita aliança sem abandonar tais campos.

No texto publicado em 1975 como reformulação de algumas teses iniciais de *Análise automática do discurso* (AAD-69), Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014) propõem um quadro epistemológico geral do empreendimento da Análise de Discurso que, na época, residia na *articulação* de três regiões do conhecimento:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicitar ainda que *estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)*. (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 2014, p. 160, grifo nosso).

O leitor notará que a psicanálise não comparece aqui como um “quarto termo”, mas como algo que atravessaria as três regiões do conhecimento destacadas. Nessa citação, a psicanálise atravessaria tais campos na medida em que os articularia sob a forma de uma “teoria da subjetividade”. Diante desse quadro, não seria trivial indagar: a que psicanálise se refere Pêcheux e o que se pode entender por uma teoria da subjetividade a partir da psicanálise²? Também não seria trivial questionarmos como a própria *concepção de língua* da Análise de Discurso é – em diferentes momentos — afetada pela psicanálise: nossa questão aqui não é outra, senão, “o que é a língua se a psicanálise existe?” (MILNER, [1978] 2012, p. 25). E ainda: como essa compreensão de língua é igualmente afetada por um posicionamento materialista? Nesse sentido, quando tratamos do percurso teórico de Pêcheux, devemos imediatamente acrescentar um termo à pergunta de Milner: o que é a língua se a psicanálise e o *materialismo histórico* existem?

Em um momento dado de sua teorização, a aliança entre marxismo, psicanálise e linguística se prolonga e procura se articular, mas sem absorção de um lado pelo outro. Em “La double faille”, Françoise

Gadet aponta que, diferentemente da forma como Jean-Claude Milner e Judith Milner compreendem a sintaxe e o sujeito da enunciação,

é, com efeito, a partir de uma certa concepção das relações entre língua, discurso e história, e também de uma certa análise da configuração epistêmica da linguística (vide *A Ferramenta Imperfeita* de Paul Henry) que eles [Michel Pêcheux e Paul Henry] definem os “efeitos discursivos”, produzidos a partir da *base linguística que é a língua em sua relativa autonomia, mas ligados à inscrição de um sujeito no processo histórico*. (GADET, 1978, p. 513, grifo nosso)³.

A conclusão do artigo de Gadet encaminha-nos a pensar a irrupção da história e do inconsciente no interior da língua, saindo de uma oposição aparente entre psicanálise e história. Essa é a questão que range nos trabalhos “tardios” de Pêcheux, produzindo uma mudança significativa na sua forma de conceber a língua, especialmente no livro *La langue Introuvable*, escrito em coautoria com Gadet, e que recebeu o título *A língua inatingível* no Brasil. Nessa obra, o conceito lacaniano de lalíngua (*lalangue*⁴), tal como relido por Milner, produz um verdadeiro deslocamento da compreensão de língua na Análise de Discurso de Pêcheux.

Neste ensaio, buscamos compreender como se dá a relação da língua com lalíngua em Gadet e Pêcheux, considerando a posição materialista dos autores. Colocamos em questão a aliança contraditória de Gadet e Pêcheux com o trabalho de Milner. Dividimos esse ensaio em duas partes. Na primeira, situamos o momento em que Pêcheux aposta na existência de um real próprio à língua e à história, assim como apresentamos brevemente a obra *A língua inatingível*. Na segunda, produzimos um gesto de leitura sobre um aspecto específico que materializa o posicionamento de Gadet e Pêcheux quanto à relação entre o real da língua e o real da história: o poético, percurso atravessado por reflexões de Saussure, Jakobson e Milner.

2. Da “articulação” à tripla asserção

De 1978 a 1981, Pêcheux abriu uma série de interrogações e questionamentos para a Análise de Discurso, produzindo uma

verdadeira modificação na forma em que mobilizava a relação entre Marx, Freud e Saussure. Em nosso ponto de vista, não é possível pensar a trajetória de Pêcheux de forma estanque, linear e evolutiva. Por esse motivo, não consideramos que sua obra se divida em duas (antes e depois da reflexão sobre o real da língua) ou em três épocas tal como o próprio Pêcheux ([1990] 2014) pareceu indicar em um esboço publicado postumamente. No entanto, reconhecemos que a problematização do real como impossível específico à língua e à história é tomado como um deslocamento em relação a certas concepções e posicionamentos até então vigentes⁵.

De acordo com Maldidier (2003, p. 71), o texto de lançamento do colóquio *Materialidades Discursivas*, “redigido em junho de 1979, se despedia, não sem ferocidade, da ‘teoria do discurso’ apresentada como um ‘fantasma teórico unificador’”. Pêcheux endereçava a sua provocação não somente à Análise de Discurso, mas também aos trabalhadores dos campos da linguística, da história e da psicanálise, afirmando que *a existência de um real próprio a cada campo produz, ao mesmo tempo, um terreno de encontros problemáticos e a impossibilidade de articulação desses campos*, ou seja, um “campo minado” de conjunções e disjunções entre teorias que não podem nunca se fundir, mas que comportam politicamente algo em comum:

Materialidades discursivas: quais materialidades são colocadas em jogo na análise dos fatos de discurso pela história, pela psicanálise e pela linguística?

Há um *real* da língua.

Há um *real* da história.

Há um *real* do inconsciente.

Essa **tripla asserção**, onde se manifesta uma relação problemática com o real, exclui, imediatamente, uma posição teórica que venha a organizar seu dispositivo de respostas: trata-se, antes de tudo, de resistir ao sistema de falsas respostas que contorna a materialidade do que está em jogo na língua.

(PÊCHEUX, 1981, p. 11, itálico do autor, negrito nosso).

Em relação a essa citação, não podemos deixar de fazer três apontamentos que são fundamentais na compreensão da problemática do real na Análise de Discurso.

Em primeiro lugar, o questionamento que Pêcheux faz à tentativa de articulação dos campos do materialismo histórico, da psicanálise e da linguística já podia ser sentido em sua retificação ao livro *Semântica e Discurso*, escrita em 1978, mas publicada somente em 1982 como anexo (o “Anexo 3”) à edição inglesa. Nesse texto, o autor afirma que a tentativa política de articulação do triplo campo da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise — em que a própria Análise de Discurso não estava isenta na época do “estruturalismo filosófico dos anos 60” — foi o *sintoma* de que alguma não ia bem e, simultaneamente, ia bem demais: “não há fumaça sem fogo” (PÊCHEUX, [1982] 1995).

Se, na história, a revolta é contemporânea à extorsão do sobretrabalho (e os “pequenos furtos” que o capital realiza do tempo reservado às refeições e ao descanso do trabalhador) é porque *a luta de classes é o motor da história*; e se, na psicanálise, a revolta é contemporânea à linguagem, é porque *a própria possibilidade da linguagem é sustentada na existência de uma divisão do sujeito inscrita no simbólico* (PÊCHEUX, [1982] 1995). Diante dessas duas teses, “a especificidade dessas duas ‘descobertas’ impede de fundi-las sob qualquer teoria que seja, mesmo sob uma teoria da revolta. Mas a constatação do preço pago por esse impedimento obriga a admitir que elas têm, politicamente, algo a ver uma com a outra”. (PÊCHEUX, [1982] 1995, p. 302, grifo nosso). Na abertura do colóquio *Materialidades Discursivas*, Pêcheux desloca uma perspectiva que poderia ser considerada como “articulatória” entre tais campos.

Em segundo lugar, quando dá consequências à questão lacaniana de *lalíngua*, Milner ([1978] 2012, p. 26) afirma que esta é o motivo de um único e mesmo movimento: “num só golpe, há língua (ou seres qualificáveis como falantes, o que dá na mesma) e há inconsciente”. Dessa forma, dizer que há um real do inconsciente — até o ponto em que conhecemos, essa expressão não retornará em nenhum trabalho posterior de Pêcheux — é, ao menos, problemático. Nesse direcionamento, é necessário, portanto, considerar que a noção de real em Análise de Discurso não tem um direcionamento unívoco. Em certas passagens da obra de Pêcheux, o real é referido juntamente com os registros lacanianos do simbólico e do imaginário. Em outros momentos, o real é ligado à condição de existência dos campos da linguística, da história e da psicanálise e de seus *objetos de*

conhecimento. A partir do trabalho singular de Pêcheux, introduz-se uma diferença em relação ao campo psicanalítico. Diante desse ponto de vista, o autor não concebe o real como *Um*⁶ (BALDINI, 2015).

Por último, diante dessa tripla asserção, isto é, da aposta teórica na existência de um real próprio à língua, à história e ao inconsciente, Pêcheux reitera a importância de um deslocamento das fronteiras entre as disciplinas que afetaria profundamente seus regimes de verdade. Entre a história, a língua e o inconsciente (e a poeira dos arquivos, o giz das lousas e o suor dos divãs), as *materialidades discursivas* não aparecem como certo nível de generalidade em que todos os campos falariam imaginariamente sobre a “mesma coisa”, mas sim como uma heterogeneidade irreduzível (PÊCHEUX, 1981).

O colóquio foi, em nosso ponto de vista, uma preparação de terreno para o amplo debate sobre a questão da língua e de lalíngua que é produzido no livro *A língua inatingível*, escrito por Gadet e Pêcheux e publicado em 1981 pela *Maspero*.

Apesar de não ter a pretensão de ser uma história da linguística moderna, o livro interroga, frequentemente, a trama histórica no interior em que a disciplina linguística tomou forma, pondo em causa as modalidades sobre as quais a disciplina representa a sua própria história. E mais: o que, nessa trama, “*a linguística foraclui no interior de si mesma?*” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 19, grifo nosso).

Por ser um livro extremamente plural e que não se rende a uma abordagem linear, apresentá-lo pode ser uma tarefa extremamente “reducionista”, se não destacarmos que, durante todo o trajeto da obra, os autores são obstinados em mostrar que a história e a língua mantêm uma relação incontornável de inscrição, e que o equívoco — sob a forma do enigma, do jogo e do *Witz* — não deixa de irromper na trama imaginária das teorias linguísticas. A denegação da história, que não cessa de aparecer no horizonte da linguística, teria por consequência recobrir parcialmente no imaginário de um sujeito pleno (mestre da sua língua) a descoberta *teórica* de que o real da língua é afetado pela luta de classes: o equívoco “aparece exatamente como ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 64).

Os autores rejeitam que a linguística seja inscrita em um movimento progressivo interno (um movimento retilíneo) em direção à cientificidade, assim como a tese idealista de que haja uma oscilação conflituosa (um movimento pendular) entre algumas tendências na história da linguística, como a oposição entre o “racionalismo” e o “empirismo”. No lugar da “evolução” ou da “oscilação”, os autores defendem a hipótese histórica de uma dupla estratégia de instauração do poder burguês fundada na articulação contraditória das figuras do Direito (logicismo) e da Vida (sociologismo). Essa tomada de posição sobre a história permitiu levantar a inscrição do *político* na aparição (moderna ou antiga) da ciência linguística. Isto é, nos pontos em que o horizonte “científico” aparece *como lugar de denegação da história*.

Os autores norteiam as discussões heterogêneas que marcam o livro a partir de três eixos.

No primeiro eixo, Gadet e Pêcheux mostram como a dupla forma de uma “logofilia” levou à oposição aparente entre o desejo de reconstrução de uma língua originária perdida e o desejo de construção de uma língua perfeita em que os significantes coincidiriam logicamente com os significados: “a dupla figura da Língua-mãe e da Língua Ideal aparece assim como o sintoma, específico ao real da língua, disso que se inscreve sob a forma da dualidade Vida/Direito” (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 361, grifo nosso). O amor da língua apareceria como uma loucura subterrânea sobre a história oficial das gramáticas e das filosofias.

No segundo eixo, os autores procuram mostrar como o real da língua “dá de encontro” com o real da história. Falamos de um encontro entre os terrenos limítrofes da língua e da história e não de uma absorção ou articulação. A relação da história e da língua é produzida na ordem de um encontro, de um tropeço: “não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, *dá de encontro com ele, o encontra*” (PÊCHEUX, [1988] 2008, p. 29, grifo nosso).

Nessa orientação, um dos pontos privilegiados do trabalho desses autores é justamente pensar como o espaço revolucionário produz efeitos na língua. Para tanto, eles tomam a relação entre a Revolução Francesa (de 1789) e a instauração do Francês Nacional, assim como a relação entre a existência e o fim das vanguardas literárias e poéticas do Outubro russo de 1917 até o começo dos anos 30. Se, por um lado, é possível estabelecer um paralelismo nos efeitos do processo

revolucionário na língua, em termos de um jogo analógico e metafórico sobre a língua (tanto em 1789 quanto em 1917), deve-se destacar, por outro lado, que há uma diferença essencial entre as duas revoluções. Durante a Revolução Francesa, não existia uma ciência própria ao estudo da língua. Assim, os autores traçam como o encontro da linguística e da Revolução Russa foi abortado diante do stalinismo nascente e da dominância do marrismo, linguística tomada como oficial nesse período.

Por fim, na terceira conjuntura histórica traçada no livro, Gadet e Pêcheux examinam o papel decisivo da “linguística moderna”, especialmente em torno das pesquisas americanas da Gramática Gerativo-Transformacional após a Segunda Guerra Mundial. Nesse ponto, os autores consideram que a ideia de um percurso progressivo e contínuo até a “modernidade” — que se erigiria sob os nomes de Descartes, Humboldt, Saussure, os estruturalistas europeus, Harris e Chomsky — é uma *reconstrução ilusória e insustentável da história*. A questão da “Grande Travessia” dos intelectuais da Europa até os Estados Unidos (como Jakobson) sob a pressão do nazismo e a reflexão histórico-filosófica dos anos 60-75 apontam para os momentos cruciais em que as *falhas linguísticas* e as *contradições históricas* desnudam a lógica de uma “razão sem falhas”.

Retornaremos ao que parece sintomático no percurso de Jakobson, particularmente a partir da relação estabelecida por esse autor sobre linguística e poética para comentarmos como o real da língua e o real da história se dão na obra de Gadet e Pêcheux.

3. O poético e o político: língua e história

Na conclusão de “Linguística e poética”, Roman Jakobson ([1960] 2003) conta que, em 1919, o Círculo Linguístico de Moscou tentou delimitar o campo dos *epitheta ornantia*. Esse projeto foi logo censurado por Maiakovski, dado que, para o poeta, qualquer adjetivo, no domínio da poesia, se tornava um epíteto poético. “Por outras palavras, a ‘poeticidade’ não consiste em acrescentar ao discurso ornamentos retóricos; implica, antes, numa total reavaliação do discurso e todos os seus componentes, quaisquer que sejam” (JAKOBSON, [1960] 2003, p. 160). Ao afirmar que o poético não é um ornamento retórico, mas que *faz parte da própria língua*, Jakobson

recorre ao *Witz* do missionário *posto a nu* a partir de sua própria “lógica” colonizadora:

Um missionário censurou seu rebanho africano por andar despido. “E o senhor?”, responderam os nativos, apontando-lhe para o rosto, “não anda também despido em alguma parte?” “Bem, mas é meu rosto.” “Pois bem”, retorquiram os nativos, “conosco tudo é rosto”. (JAKOBSON, [1960] 2003, p. 161).

Jakobson parte do campo da poética em sua relação constitutiva com a linguagem. Sua compreensão de poesia excede uma posição meramente “poetológica” já que abarca desde Homero até os *slogans* políticos e os *jingles* publicitários modernos. Jakobson reivindica, sobretudo, que integremos à linguística uma investigação sobre a matéria verbal em *toda* a sua amplitude e em *todos* os seus aspectos.

Se existem alguns críticos, que ainda duvidam da competência da Linguística para abarcar o campo da Poética, tenho para mim que a incompetência poética de alguns linguistas intolerantes tenha sido tomada por uma incapacidade da própria ciência linguística. Todos nós que aqui estamos, todavia, compreendemos definitivamente que *um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos e ignorante dos métodos linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos*. (JAKOBSON, [1960] 2003, p. 161, grifo nosso).

Diante dessa perspectiva, não há dimensão da língua que não possa ser crucial à poética e vice-versa. Em sua apresentação à edição dos *Cahiers de critique litteraire et de sciences humaines* dedicada a Jakobson, Roland Barthes ([1978] 2004) enfatiza a afirmação escandalosa do linguista soviético de que “a língua não existe sem literatura, e a literatura é sua utopia”. Na literatura, “infiltram-se as pulsões, as fantasias e o mundo onírico. Na verdade, a poesia caminha para o *limite da língua*”. (BARTHES, [1978] 2004, p. 305-306, grifo nosso). Barthes compara ainda o projeto de Jakobson ao do linguista genebrino Saussure. Há em Saussure a “intuição” de que o sistema da língua comporta um princípio de não classificação em que os fatos de

língua vêm a confundir-se com os fatos de fala. Nesse sentido, “as enunciações poéticas são falas, mas essas falas são codificadas como fatos de língua. É a essa espécie de dialética enigmática que Jakobson visa. Lendo-o, percebemos até que ponto ele impediu a linguística de cair no mecanicismo rígido” (BARTHES, [1978] 2004, p. 306).

Nesse mesmo dossiê, Milner (1978) sublinha que o essencial da poética de Jakobson pode ser resumido em duas proposições: “a poesia é homogênea à língua” e “a língua não pode ser pensada completamente se não for integrada pela possibilidade do poético”⁷ (MILNER, 1978, p. 55). A figura feliz de um ser falante (*falasser*) que guardaria o segredo de segurança na certeza de que toda realidade é homogênea à linguagem e de que toda linguagem é homogênea a si mesma é um projeto irremediavelmente suscetível à *falha*.

Se a poesia é homogênea à língua e se a matéria verbal deve ser trabalhada em toda a sua amplitude e em todos os seus aspectos, esse imaginário de homogeneidade e completude da língua entrevê uma dissimetria (não isotópica) constitutiva à ordem da língua: *é preciso admitir a existência de singularidades heterogêneas no “éter” da língua* (MILNER, [1978] 2012). É necessário, ainda, demarcar que, por mais que possamos imaginar a língua enquanto uma totalidade numerável e homogênea, ela é, antes de tudo, marcada pelo heterogêneo e pelo não superponível. Milner adverte que a língua só se concebe claramente na isotopia absoluta: “de qualquer ponto que se a considere, ela deveria oferecer uma mesma fisionomia. No entanto, isso é o que os dados mais simples não confirmam: na série de lugares homogêneos sempre despontam algumas singularidades” (MILNER, [1978] 2012, p. 20).

Para Milner, a língua — não a língua dos linguistas ou a dos gramáticos, nem mesmo a língua materna, que é uma das figurações de a língua⁸, mas apenas *uma língua entre outras* — se constitui na heterotopia:

é por isso, também, que ela constitui igualmente substância, matéria possível para as fantasias [*fantasmes*], conjunto inconsistente de lugares para o desejo — *a língua é, desse modo, aquilo que o inconsciente pratica*, prestando-se a todos os jogos imagináveis para que a verdade, no compasso das palavras, fale. (MILNER, [1978] 2012, p. 22, grifo nosso).

Como ponto nodal dessa tese, falar de língua e da natureza de sua partição é reconhecer, sobretudo, que “tudo não pode ser dito”. Em outros termos, a língua sustenta o real de lalíngua: “o puro conceito de língua é o de um não-todo marcando lalíngua; ou, ainda é o que sustenta lalíngua na qualidade de não toda” (MILNER, [1978] 2012, p. 28). É nesse direcionamento que Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 52, grifo dos autores) afirmam que “O Édipo linguístico corresponde ao fato de que *toda a lalíngua* não pode ser dita, em qualquer língua que seja”. Dessa forma, contra Wittgenstein (“aquilo sobre o qual não se pode falar, deve ser calado”), Milner valoriza, segundo os autores, o lugar da proibição como prova de que há pelo menos um lugar “do qual se fale do que não se pode falar: esse lugar é lalíngua” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 52).

Como esse lugar afeta a ciência que tem a língua por objeto?

Em “Le bonheur par la symetrie”, Milner (1978) estabelece a relação estrita entre Saussure e Jakobson na busca por um *saber*. Nessa busca, os autores se deparam com *algo que excede o saber do linguista*. Segundo o autor, Saussure acreditou perder sua reputação e sanidade por ter encontrado *anagramas*. Jakobson os reencontra e os adapta nas vias elegantes de uma *Razão poética*.

Em *O amor da língua*, sobre os anagramas saussurianos ou sobre a poética jakobsoniana, o *real da homofonia*, condição do lapso e do *Witz*, vem a ocupar o lugar e a função (ou uma das funções?) do excesso (que é *lalíngua*) em face do qual a linguística simplesmente não tem o que fazer. As consequências desse trabalho sobre o saber da língua incidem em três desdobramentos proferidos por Milner: a) o anagrama revela-se ambíguo, pois a homofonia pertenceria à língua como sendo objeto da linguística, *apesar de ser inassimilável a esta*; b) o anagrama representa, dentro da rede de impossível da língua, um “a mais” que dela se destaca, dado que é inscrita em uma representação calculável (o fonema, por excelência), mas excede a toda fonologia possível; c) no entanto, talvez o essencial ainda não tenha sido atingido, uma vez que a ambiguidade do anagrama pode servir facilmente a qualquer ciência humana e, por meio dele, o real da homofonia daria lugar ao discernimento e à notação. Nesse sentido, Milner argumenta que:

é, aliás, o que se observa, visto que, graças a Jakobson, aquilo que era fracasso aos olhos da filologia tornou-se mensurável com sucesso aos olhos da linguística estrutural, mediante a Poética. Ao mesmo tempo, a língua como rede de impossível recobre seu império e recua seus limites — o que poderia parecer excedê-la não é mais atribuível a um efeito de real, mas a figura imaginária: o gênio poético. Como frequentemente acontece, o inassimilável às representações calculáveis resvalou para o domínio da cultura humanista. (MILNER, [1978] 2012, p. 90).

A despeito das derivas equívocas dos anagramas (desde Saussure), a afirmação mais escandalosa de Milner consiste precisamente em reconhecer uma unidade que atravessa o trabalho de Saussure, a sua loucura:

Tal é, acredito eu, a chave de Saussure enquanto sujeito: sua loucura, na verdade, não começa *nos anagramas*, *ela já está no Cours* — é o mesmo movimento que o conduz a querer sustentar, através do diferencial, o Um no seio dos equívocos sonoros do verso latino e no seio de toda língua possível. *O Cours, reconhecido pelos universitários, e as folhas de poética, ignoradas por eles, proferem a mesma frase* — aquela que, sem dúvida, articulava o desejo de Saussure —: *o Um que marca as línguas vem de outro lugar*. (MILNER, 2012, p. 106-107, grifo nosso).

As pesquisas de Jakobson sobre a poética ou as pesquisas saussurianas sobre os anagramas deixam aparecer, portanto, uma *desordem* inassimilável à linguística, mas ligada intrinsecamente a ela. Para Milner, essa desordem não seria causada pelas guerras e revoluções marcadas no itinerário de Jakobson e de tantos outros trabalhadores da língua (os poetas, literatos e linguistas de uma geração inteira do começo do século). Isto é, *a desordem não é exterior à língua*, ela irrompe a partir da própria simetria meticulosamente buscada pelo linguista, no ponto em que ele encontra *o limite de seu saber*: o seu objeto, a língua, produz um “a-mais” (aquilo que excede) (ORLANDI, 2012) e que vem a faltar

irremediavelmente (fatalmente); e se mostra sob um ponto de vista inapreensível, inencontrável, inatingível: a verdadeira desordem não estaria alhures, na posição de Milner, senão na própria linguagem, no instante poético ou patético em que o linguista encontra o limite de seu saber. A língua, o seu objeto, se mostra de um ponto sobre o qual o linguista não pode apreender: “o real da língua irrompe pelo real de uma ausência [absence]” (MILNER, 1978, p. 56).

Milner sustenta que, nesse instante singular de irrupção do real da língua pela falta e pela ausência, “não é mais o linguista que sabe, e sim a língua que sabe por ele – pois esta é a verdade de sua competência: não o domínio, e sim o assujeitamento e a descoberta de que *la língua sabe*” (MILNER, [1978] 2012, p. 122, grifo do autor). Esse limite do saber do linguista o coloca diante de um impossível próprio à língua: “há um impossível próprio da língua que sempre retorna a seu lugar e pelo qual há quem chegue [...] a morrer de amores: os ‘diga isso, não aquilo’, a regra, o uso predominante. Dito de outro modo, um *real*” (MILNER, [1978] 2012, p. 7, grifo do autor). O autor questiona o que haveria de surpreendente na tentativa de *domesticar* esse real através da arte de amar (a gramática) e da ciência (a linguística). Nesse ponto, Milner ainda se interroga: “o que, de fato, é preciso que a língua seja para que possamos designá-la tanto como objeto de uma ciência quanto como objeto de um amor?” (MILNER, [1978] 2012, p. 25). Ora, sem dúvida, representações da língua são o que não faltam:

sustentar que o real da língua é representável é fatalmente o passo inicial de toda gramática: consiste em reconhecer o impossível próprio da língua naquilo que ele tem de repetível e, além do mais, em constituí-lo em rede [...]. A partir daí o real pode ser objeto de regras e de tabelas que delineiem seus contornos. A linguística acrescenta, então, apenas o seguinte: a representação entra na órbita da ciência. (MILNER, [1978] 2012, p. 30).

Enfatizemos ainda que esse real não é representável: nada de tabelas, regras gerais ou qualquer escrita simbólica, mas apenas a asserção de um impossível: “diga isso, não aquilo”.

Em suma, a partir da retomada de Jakobson e Saussure, Milner considera que, em face da homogeneidade, uma desordem irrompe no interior da própria língua. O trabalho do gramático e do linguista consistiria, portanto, em construir a rede desse real que autoriza construções de regras, de forma que o real forme Um, “não como efeito de decisões que viriam arbitrariamente rasgar essa unidade em fluxo, mas por um reconhecimento desse Um enquanto real, ou seja, como causa de si e da sua própria ordem” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 53). A consequência forte da tese de Milner é que o linguista é assujeitado ao real da língua.

Segundo Gadet e Pêcheux, o real da língua residiria naquilo que faz nela Um para os que sustentam que a língua trabalha com a *existência de um próprio* (uma ordem própria). O termo “barbarismo”, aquilo que seria tomado como o inferno ininteligível para os Antigos, é *o sintoma de um campo do interdito na linguagem* estruturalmente produzido no interior da própria língua. O “barbarismo” seria, portanto, a designação arcaica do exterior da língua, sintoma da relação do fora da língua com o nada, primeira percepção do impossível. Mais uma vez, o *Witz* do missionário produz efeitos no corpo sócio-histórico da linguística: “conosco tudo é rosto” se torna um sintoma do retorno do estranho (o arcaico) no território familiar da linguística moderna, desnudando o seu domínio sobre a língua e inutilizando seus instrumentos de domesticação. “Uma inclinação suspeita que, sob ares científicos, abriga o retorno de um ponto recalçado da linguística” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 22). Como consequência teórica, trabalhar o real da língua implica necessariamente tomá-lo como *subjacente à condição de existência da linguística* com pretensão científica. Ao não confundir a realidade empírica (na sua positividade) com o real (o impossível), os autores afirmam que o concreto com o qual a linguística trabalha é *o efeito propriamente linguístico desse real*. Esse concreto é de natureza negativa, levando-nos ao conceito de *valor* enquanto baliza fundamental da linguística.

Assim como Milner, Gadet e Pêcheux referem-se ao real da língua enquanto um impossível que lhe é próprio. No entanto, eles se distanciam do posicionamento teórico e político de Milner em relação ao lugar do poético e da história.

Fundamentalmente, os autores criticam a distinção entre “ética da ciência” e “ética da verdade” em *O amor da língua* como uma deriva equívoca em que o conceito de valor não seria reconhecido.

O mais espantoso é que J.-C. Milner, cuja reflexão constitui um questionamento do narcisismo em linguística, refere-se aqui à distinção entre “a ética da ciência” (a semana de trabalho dos linguistas) e “a ética da verdade” (a leitura dos poetas no dia do Sabbat). Em *L’amour de la langue*, em que a indissociabilidade dos dois Saussure é, entretanto, reconhecida, *a tese saussuriana do valor não é aplicada*. Isso poderia ser o corolário da posição sustentada por Milner em relação ao equívoco, cuja percepção ele restringe ao “ponto de poesia” e algumas coincidências felizes com as escritas eruditas: sem a poesia, afirma ele, nós não teríamos a ideia de que a língua se inscreve no real, e os trocadilhos, lapsos etc. seriam acidentes. (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 63-64, grifo nosso).

Para os autores, essa separação entre ética da ciência e ética da verdade *suturaria*, como uma forma de reconstrução metonímica, a ferida narcísica aberta por Saussure, uma verdadeira *perturbação* com a rede de memória da linguística de sua época¹⁰, a partir da noção de valor, e teria como consequência a certeza de que a poesia é um ponto privilegiado de cessação. O ato da poesia consistiria em “transcrever em lalíngua mesma, e por suas próprias vias, *um ponto de cessação da falta ao escrever*” (MILNER, 2012, p. 39, grifo nosso). Para Milner, seria exatamente nesse ponto que a poesia tocaria de perto a questão da verdade (aquilo com que a língua está em falta) e da ética (uma vez que o ponto de cessação, uma vez circunscrito, exige ser dito). O autor defende ainda que todo mundo sempre soube reconhecer diversos *nomes do ponto de cessação*, que poderia se chamar, inclusive, de ponto de poesia: a morte, o obsceno ou o sentido mais puro que se pode atingir arrancando as palavras do círculo de referência ordinária. Poder-se-ia, ainda, reconhecer o ponto em que a falta cessa na própria fonia (a homofonia tal como trabalhada por Mallarmé e Saussure)...

Mas de onde viria tal certeza sobre a poesia? De acordo com Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 64, grifo nosso), a partir daí, “poder-se-ia também entender, *sob o princípio saussuriano do valor*, que a poesia

não tem um lugar determinado na língua *porque ela é literalmente coextensiva a esta última*, do mesmo modo que o equívoco: talvez ‘não haja poesia’”. Em outros termos, o que afeta o princípio de univocidade da língua não é localizável nela (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010).

A questão do materialismo histórico é o ponto em que Gadet e Pêcheux se separam da posição política de Milner, isto é, do seu ceticismo¹¹:

Ao mesmo tempo, a questão do materialismo histórico é o ponto em que nos separamos politicamente de Milner. Que Milner não aceite, hoje, conceber a história de outra maneira que não seja a forma parodística de um materialismo de síntese, narcísico e cego, no qual a história só pode apresentar a forma de um desenvolvimento sintético progressivo da consciência e que, por conseguinte, ele negue a ela toda possibilidade de real, isso é outro caso. (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 52).

Considerar a existência de um real da história é fazer uma aposta política sobre o funcionamento da contradição a partir de uma tomada de posição materialista. A complexidade contraditória do real da história não se reduziria a uma oposição simplista entre a ditadura e a liberdade.

Se considerássemos que a *categoria materialista de real* especifica-se exclusivamente pela sua relação com o impossível, com que real poder-se-ia afirmar que o materialismo histórico trabalha? A questão do materialismo excede, portanto, o puro terreno da epistemologia: ela engaja uma *aposta política baseada na existência de um real da história*. O materialismo histórico pretende basear-se em uma percepção desse real como contradição.

É precisamente isso que J.-C. Milner recusa, considerando atualmente a história como um puro efeito imaginário, eventualmente destruidor, mas não principalmente como um real contraditório: a história como espaço imaginário só é suscetível de conclusões práticas, por exemplo, o confronto entre a ditadura chegaria ao ponto de levar Milner a resgatar

praticamente algum interesse pela posição sociologista, desqualificada por razões teóricas bem convincentes? A história viria colocar Milner em... uma contradição? (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 35, grifo nosso).

Gadet e Pêcheux tomam *as políticas da língua* (por exemplo, a questão da alfabetização, aprendizagem e utilização legal do “francês nacional”) no modo de produção capitalista como forma de exame dos efeitos do real da história no território da língua. O destino do “socialismo existente” — que conduziu seus poetas, escritores e linguistas ao silêncio e ao mutismo — não chegou a um lugar diferente da *démarche* histórica da burguesia: nos dois casos, a questão de língua (e de seus mestres) se torna uma questão de Estado¹².

Mais uma vez, retornemos a Jakobson, particularmente à sua conclusão de “Linguística e poética”. A evocação feita pelo autor aos debates poéticos do Círculo Linguístico de Moscou, e da participação do poeta Maiakovski nessa série de embates literários e linguísticos, não é casual. O amplo esforço dos “formalistas” (como Brik, Chklovski e, posteriormente, Tynianov e Eikhenbaum) de empreenderem um estudo científico da língua e das leis da produção poética nas formas de conto fantástico, de narrativas e poemas populares, trouxe a “contribuição à revolução proletária, desmistificando as obscuridades místico-literárias da ‘linguagem dos deuses’, eles pretendem ser os ‘coveiros da poesia idealista¹³” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 73). Em “La linguistique hors d’elle-même : l’histoire absolument”, Gadet e Pêcheux (1980) afirmam que é necessário colocar em causa a interpretação “marxista” que consiste em afirmar que o formalismo não passa de um índice do idealismo, em função de seu “estruturalismo” refugiado na pesquisa das causalidades internas da língua e tendencialmente desligado da prática revolucionária e das massas.

No cenário da Rússia pós-revolucionária, enquanto os decadentes, simbolistas e acmeístas permaneceram em sua prudente reserva ou na sua franca hostilidade, “homens preocupados com a ‘força das palavras’ engajam-se na revolução e decidem sacudir o velho mundo” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 73): marxistas do *Prolekt*, futuristas, *Scythes* eslavófilos e formalistas mantiveram-se na frente

da “cena ideológica”: a língua russa trabalhada pelo funcionamento da metáfora “*telescopia* a atualidade política [...] e as formas poéticas (rimas, jogos de palavras, enigmas...) da literatura popular; experimentação maciça das profundezas fonológicas, morfológicas e sintáticas, dos equívocos do sentido com a matéria verbal” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 73). A evocação de Jakobson textualiza, portanto, o empreendimento de uma geração inteira (de uma conjuntura histórica) que possibilitou o encontro da *modernidade política* com a *fundação da linguística*. Novamente, um encontro do real da língua com o real da história.

Se Saussure pôde reconhecer *o princípio do valor no espaço da Linguística Geral e dos anagramas*, os formalistas e outros escritores, poetas e linguistas russos também encontraram o mesmo fundamento. Mais do que uma forma de “recepção” dos textos saussurianos na Rússia (como é possível observar nos trabalhos do Círculo Linguístico de Moscou por Jakobson¹⁴ ou Karcevski¹⁵), o que Gadet e Pêcheux defendem é *que o princípio do valor foi desenvolvido em “estado prático”*, afetando, a partir de um imenso trabalho de massa, as línguas da futura União Soviética:

O encontro da linguística nascente com a *modernidade política* se produz na Rússia de outubro de 1917. *O princípio do valor encontra-se desenvolvido “em estado prático”* nesse imenso trabalho de massa que afeta, nesse momento, as línguas da futura União. Fazendo parte da *intelligentsia* revolucionária, os formalistas (linguistas, poetas e escritores) começam a pensar nesse processo e tentam administrar seus efeitos (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 22, grifo nosso).

Esse encontro e esse trabalho efetivo sobre a língua acabam mal: os trabalhadores da língua são paulatinamente evitados, condenados, excluídos e liquidados e se tornam as primeiras vítimas do stalinismo nascente e da dominância da linguística marrista que passam a se instalar, cada um a seu modo, no lugar do mestre: “surdez política crescente com relação à ordem da linguagem e à do inconsciente?” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 22).

O que fez com que esse trabalho efetivo sobre a língua viesse a fracassar, levando os linguistas, poetas e escritores a serem expostos a

ataques cada vez mais violentos, acompanhando uma disseminação da morte em uma série impressionante, sobre poetas ainda jovens (suicídios, longas agonias, execuções)? “Blok, Khlebnikov, Iessiênin... — E o próprio Maiakovski, esse gigante do trabalho poético, [...] esfacela-se em 1930 contra o rochedo da vida cotidiana... O que foi que levou Maiakovski ao suicídio?” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 74).

O que surge no interior da ideologia stalinista de Estado nada mais é do que uma forma particular de “*seriedade*”, “cega à ordem da linguagem”. As consequências dessa “*seriedade*” culminam na *denegação política do real da língua*, isto é, no aborto da tentativa de revolução cultural e na *anulação do jogo metafórico*: o Estado e a ciência, na seriedade do mestre que reconstrói as perturbações metafóricas, separam o canto da locomotiva¹⁶. “A *instalação espontânea do princípio do valor em outubro de 17* encontra aqui a sua base ideológica e política: daqui para frente, *o sentido se isola do nonsense*, porque o sentido coincide com as palavras no real da ideologia stalinista” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 98, grifo dos autores).

De forma semelhante, em “La linguistique hors d’elle-même : l’histoire absolument”, os autores afirmam que a disjunção mortal entre a seriedade do sentido e espaço do não-sentido (declarado como loucura ou poética) se instalaram no interior da revolução soviética, no exato momento em que a Europa Ocidental desenvolvia o neopositivismo. De um a outro lado, formou-se uma surdez, “uma mesma surdez à ordem da metáfora, uma mesma negação do real próprio à língua, concebido como (instrumento) servo do pensamento” (GADET; PÊCHEUX, 1980, p. 363). Contra o projeto formalista, o realismo literário e político do stalinismo viria a fazer coincidir realidade, discurso e pensamento, uma forma de “*revanche sinistra*” do *não-sentido* no interior daquilo que tende a foracluí-lo.

Em que consistiria a surdez do Estado aos trabalhadores da língua? Ou melhor: em que consistiria a surdez que Jakobson denuncia na linguística após as quatro décadas que separam a Revolução Russa de sua conferência sobre a poética apresentada nos Estados Unidos? Ousaremos dizer, brutalmente: surdez à língua, surdez ao real da língua, surdez ao poético e à incidência inconsciente

do *Witz*, e, sobretudo, a surdez ao jogo dos significantes. Enfim, *uma insistência no ensurdecimento*.

4. Considerações finais

Gadet e Pêcheux ([1981] 2010) afirmam que a linguística (ciência da língua e das línguas, ciência da divisão sob a unidade) traz inscrita em seu percurso o desejo irrealizável de curar a ferida narcísica aberta pelo conhecimento de sua divisão. “Essa surdez interna da linguística ganha terreno cada vez que essa disciplina deixa *o real da língua, seu objeto próprio*, e sucumbe às realidades psicossociológicas dos atos de linguagem...” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2010, p. 19, grifo nosso). Em outros termos, a linguística não pode se reduzir a uma concepção de mundo, pois ela comporta uma prática teórica que toma a língua como objeto próprio (o real da língua). Por outro lado, a história da linguística revela uma tendência (inelutável) de fazer das filosofias espontâneas e das concepções de mundo a própria teoria linguística, tal como Jakobson acusou no final de seu célebre artigo sobre a poética: “tenho para mim que a incompetência poética de alguns linguistas intolerantes tenha sido tomada por uma incapacidade da própria ciência linguística” (JAKOBSON, 2003, p. 161).

Como podemos apreender essa tensão entre o reconhecimento de uma ordem própria à língua (enquanto uma insistência do trabalho do significante no registro do político, sob as formas do poético, do *Witz* e do jogo) e de sua exclusão (enquanto uma insistência no ensurdecimento)?

O posicionamento de Gadet e Pêcheux, ao problematizarem o encontro do real da língua e do real da história, tem que ver com uma *insistência*, ao mesmo tempo, teórica e política. Assim como Jakobson que, no começo da década de 1960, insistiu no trabalho do poético sobre a língua, contra o mecanicismo da linguística, os autores apontam para a necessidade de trabalhar o *simbólico no registro do político*.

Tudo aquilo que a arte de amar chamada gramática ou que a ciência chamada linguística desejou ter arrancado do jogo da linguagem vem à luz: o jogo, o poético e o *Witz* aparecem constantemente na descoberta do fracasso da linguística e da gramática diante do fato de que há algo na língua que não cessa de não se escrever. É, portanto, com o impossível que a linguística está

obcecada desde seu início, seja sob a forma de uma língua inatingível, a construção de uma teoria em que o sentido seria visto como inequívoco, seja sob o reconhecimento desse impossível enquanto constitutivo do que não pode ser apreendido (mas é fundamental) em linguística: há *real*.

Referências bibliográficas

- BADIOU, A.; MILNER, J.-C. (2014). *Controversia: diálogo sobre la política y la filosofía de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Edhasa.
- BALDINI, L. (2014). “A análise de discurso e “uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)”. In: *Letras*, n. 48, p. 117-129.
- _____. (2012). “Lalíngua inatingível”. In: MARIANI, B.; ROMÃO, L. M. S.; MEDEIROS, V. (Orgs.). *Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- _____. (2015). *O que resta de Althusser na Análise de Discurso de Michel Pêcheux*. Disponível em: <<http://filosofiaemvideo.com.br/video-jornadas-louis-althusser/>>. Acesso em 25 ago. 2016.
- BALDINI, L. J. S.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (2015). “A Análise do discurso no Brasil”. In: *Decaláges*, v.1, n.4, p.1-20.
- BARTHES, R. (2004). “Introdução à “Jakobson””. In: _____. *Inéditos I: teoria*. São Paulo: Martins Fontes. p.305-307.
- CARVALHO, F. Z. F. (2008). *O sujeito no discurso: Pêcheux e Lacan*. Belo Horizonte: UFMG. Tese de Doutorado inédita.
- FINGERMANN, D.; RAMOS, C. (2009). “Lalíngua nos seminários, conferências e escritos de Jacques Lacan”. In: *Stylus — Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n.19.
- GADET, F. (1978). “La double faille”. In: *Actes du Colloque de Sociolinguistique de Rouen*, Roen, p.511-515.
- _____. (2000). *Jakobson sob o pavilhão saussuriano*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_06.html>. Acesso em 25 ago. 2016.
- _____. (1981) “Tricher la langue”. In: CONEIN, B.; COURTINE, J.-J.; GADET, F.; MARANDIN, J. M.; PÊCHEUX, M. (Orgs.). *Matérialités discursives*. Lille: Presses universitaires de Lille. p.117-126.
- _____. (1979). “Un dialogue de sourds : Marr et Polivanov au début des années trente”. In : GADET, F.; GAYMAN, J.-M.; MIGNOT, Y.;

ROUDINESCO, E. (Orgs.). *Les maîtres de la langue : avec des textes de Marr, Staline, Polivanov*. Paris : François Maspero/ Action Poétique. p.77-85.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. ([1981] 2010). *A língua inatingível*. Campinas: Pontes.

_____. (1980). “La linguistique hors d’elle-même: l’histoire absolument”. In: *Actes du colloque « L’histoire des sciences humaines : pourquoi et comment ? »*, Nanterre, Presses de l’Université. p.360-369.

GASPARINI, E. N. (2011). *Língua e lalangue na análise do discurso de Michel Pêcheux*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

JAKOBSON, R. ([1931] 2006). *A geração que esbanjou seus poetas*. São Paulo: Cosac Naify.

_____. “Linguística e poética”. In: _____. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2003. p.118-162.

MALDIDIÉ, D. ([1990] 2003). *A inquietação do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes.

MILNER, J.-C. ([2002] 2003). *El periplo estructural : figuras y paradigma*. Buenos Aires: Amorrortu.

_____. (1978). “Le Bonheur par la symetrie”. In : *Cahiers de critique littéraire et de sciences humaines*, n.5, p.53-56.

_____. ([1978] 2012). *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp.

_____. ([1983] 2006). *Os nomes indistintos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

ORLANDI, E. (2012). *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2ª ed.

PÊCHEUX, M. ([1990] 2014). “A análise de discurso: três épocas (1983)”. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 5ª ed., p.307-315.

_____. ([1988] 2008). *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 5ª ed.

_____. (1981). “Ouverture du colloque”. In: CONEIN, B.; COURTINE, J.-J.; GADET, F.; MARANDIN, J.-M.; PÊCHEUX, M. (Orgs.). *Colloque Matérialités Discursives*. Lille: Presses universitaires de Lille, p.15-19.

_____. ([1982] 1995). “Só há causa daquilo que falha ou inverso político francês: início de uma retificação”. In: _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Pontes, 2ª ed., p.293-308.

_____ ([1982] 1998). “Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas”. In: *Linguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 2, p.7-32.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. ([1975] 2014). “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva (1975)”. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 5ª ed., p.159-250.

RIBEIRO, T. M. (2016). *Jogo nas regras, jogo sobre as regras: jogo, valor e real da língua na obra de Michel Pêcheux*. Dissertação de mestrado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

ROUDINESCO, E. (1979). “Marr, Staline et Polivanov: deux maîtres pour un manchot”. In: GADET, F.; GAYMAN, J.-M.; MIGNOT, Y.; ROUDINESCO, E. (Orgs.). *Les maîtres de la langue : avec des textes de Marr, Staline, Polivanov*. Paris : François Maspero/ Action Poétique. p.9-26.

SÉRIOT, P. (1999). *Structure et totalité : les origines intellectuelles du structuralisme en Europe centrale et orientale*. Paris : Presses Universitaires de France.

Palavras-chave: Análise de Discurso, língua, linguística.

Keywords: Discourse Analysis, *lalangue*, Linguistics.

Notas

* Professor do Departamento de Linguística do Instituto de estudos da Linguagem da UNICAMP.

* Doutorando em linguística na UNICAMP. Algumas reflexões apresentadas neste artigo compõem parte da dissertação *Jogo nas regras, jogos sobre as regras: real da língua, jogo e valor na obra de Michel Pêcheux* (RIBEIRO, 2016).

¹ A Análise de Discurso tem como um de seus pilares um gesto de leitura dos textos saussurianos e um engajamento teórico e político sobre o “legado de Saussure”. Quando afirmamos que a leitura de Pêcheux se dá para além da vulgata, isso não significa uma “virada de página” em relação ao *Curso*, mas uma problematização

sobre a constituição histórica de leituras dos textos saussurianos no século XX. Cf., por exemplo, Pêcheux ([1982] 1998).

² Sobre esse aspecto, cf., particularmente, Baldini (2014) e Baldini e Zoppi-Fontana (2015).

³ As traduções dos textos em francês são de nossa responsabilidade.

⁴ Trataremos aqui especificadamente das leituras de Milner e de Gadet e Pêcheux. No entanto, não poderíamos deixar de mencionar o aparecimento de *lalíngua* na obra de Lacan a partir da década de 70, indicando um modo de articular com mais precisão as relações entre gozo e linguagem, ponto em que Lacan vinha insistindo em sua obra. Para uma compilação das ocorrências de *lalíngua* na obra de Lacan, cf. Fingermann e Ramos (2009); para uma discussão sobre *lalíngua* em Lacan e em Pêcheux, cf. Baldini (2012).

⁵ Tomamos como ponto de partida que o trabalho sobre o *real da língua* como o impossível específico da linguística produz um deslocamento na obra de Pêcheux com a compreensão de língua enquanto ordem relativamente autônoma. Sobre essa questão, cf. a tese de Edmundo Narracci Gasparini (2011) intitulada *Língua e lalangue na análise do discurso de Michel Pêcheux*.

⁶ De forma semelhante, Pêcheux também fala sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação: “interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação exige que o não-logicamente-estável não seja considerado a priori como um defeito, um simples furo no real. É supor que — entendendo-se o ‘real’ em vários sentidos — possam existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, e também um outro tipo de saber, que não se reduz à ordem das ‘coisas-a-saber’ ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (PÊCHEUX, [1988] 2008, p. 43, grifo nosso). A esse respeito, cf. Carvalho (2008).

⁷ Referimo-nos explicitamente à leitura de Milner na primeira publicação de “La bonheur par la symetrie” (1978) nos *Cahiers de Critique Littéraire et de sciences humaines*. Posteriormente, esse artigo foi reformulado no livro *Ordres et Raisons de langue* (1982) e em *Le périple structural (figures et paradigme)*. Citamos a, seguir, a última versão desse enunciado amplamente conhecido pelos analistas de discurso: “— toda língua é capaz de poesia; — nada da poesia é estranho à língua; — nenhuma língua pode ser pensada completamente, se não se integra a ela à possibilidade de sua poesia” (MILNER, [2002] 2003, p. 137).

⁸ Para Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 52), “a posição logofílica da língua materna aparece, retrospectivamente, como a figuração mais direta da *lalíngua*; quanto à posição da língua ideal, parece remeter àquilo pelo qual o ‘nem tudo da *lalíngua*’ venha a se projetar em um tudo que pretenda representá-la. O ‘real da língua’ é, portanto, o impossível que lhe é próprio”.

⁹ Em *Le périple structural (figures et paradigme)*, Milner ([2002] 2003, p. 139) substitui o termo “ausência” por « le réel de la langue fait irruption par le réel d’un manque [falta] ».

¹⁰ Gadet e Pêcheux ([1981] 2010, p. 53, grifo nosso) afirmam que pensar “na revolução saussuriana como algo que rompe, com certeza, com um passado realizado,

é provavelmente a *pior maneira de representar o efeito Saussure*". Isto porque Saussure não resolveu a contradição que une a língua à língua e, apesar de seu combate, não impediu que a Linguística (tornada "séria", pelo menos desde o Círculo Linguístico de Praga) derivasse ou retornasse a uma tentativa de descrição empírica da "realidade". Enfatizemos: essa deriva e esse retorno são, a um só tempo, marca da tentativa metonímica de reconstrução e marca da perturbação produzida por Saussure. Nesse sentido, para os autores, a revolução saussuriana não é da ordem de uma *ruptura*, mas de um *deslocamento*, de uma ferida narcísica: "Depois de Galileu, Darwin, Marx, Freud... o que aparece com Saussure é da ordem de uma *ferida narcísica*. Um saber aí se libera, o qual, sob o peso da ciência da linguagem acreditava saber, a obcecava sem que ela aceitasse reconhecê-lo: a língua é um sistema que não pode ser fechado, que existe fora de todo sujeito, o que não implica absolutamente que ela escape ao representável" (GADET; PÉCHEUX, [1981] 2010, p. 63).

¹¹ A resposta de Milner ao embate da posição cética e da materialista pode ser vista em um texto publicado em 1983, chamado *Os nomes indistintos*, particularmente no capítulo "Uma geração que desperdiçou a si mesma". Em 2012, em uma série de debates com Alain Badiou mediada por Philippe Petit, Milner retoma as questões que norteiam o seu ceticismo político (como a antifilosofia ou, antes, como a indiferença em política). Cf., especialmente, o capítulo "Una polémica originaria" de *Controversia: diálogo sobre la política y la filosofía de nuestro tiempo*.

¹² Sobre essa questão, cf. Roudinesco (1979).

¹³ Cf. também o artigo "Un dialogue de sourds" em que Gadet (1979) mostra que o interesse pelas questões de língua esteve amplamente ligado à reflexão sobre a literatura e a etnografia na Rússia pós-outubro de 1917.

¹⁴ Em "Jakobson sob o pavilhão saussuriano", Gadet (2000, s/p) afirma que "ao contrário dos outros linguistas 'estruturalistas', Roman Jakobson não se declara herdeiro de Saussure e ainda menos como o único ou o verdadeiro herdeiro de Saussure. Para ele, Saussure é uma fonte de inspiração entre outras [...]. *Mas as referências de Saussure são particularmente numerosas*, ao longo de sua carreira, mesmo se elas parecem, muitas vezes, críticas". Gadet pergunta o que sustentaria uma aproximação não superficial entre tais autores. A autora afirma que Jakobson "encontrou em Saussure algo que lhe é essencial, o princípio da diferença como acesso ao sistema, de que ele fez, tanto quanto sentiu necessidade, uma máquina de guerra contra o historicismo dos Neo-Gramáticos. Saussure é utilizado sem que sua originalidade seja reconhecida de forma global, e sem que a letra do texto seja sempre trabalhada; o que Cornélius van Schooneveld resume na fórmula: 'afinal, era preciso um pavilhão para cobrir o navio'".

¹⁵ Em nota necrológica a Sergei Karcevski, Jakobson (apud GADET, 2000, s/p) escreve: "Ele foi o único que em 1917-1919, durante sua passagem rápida por Moscou, animou a jovem geração de linguistas de Moscou com o *Curso de Linguística Geral* e aplicou seus preceitos ao estudo contemporâneo russo". É igualmente curioso que Karcevski, um russo em terras genebrinas e aluno de Saussure, pôde diferir em um ponto crucial de Jakobson e Troubetzkoy sobre a questão da simetria/assimetria da língua. Segundo Patrick Sériot (1999, p. 233, grifo

do autor): “Em oposição à S. Karcevskij [sic], que apoia grande número de seus raciocínios sobre o conceito de *assimetria*, Jakobson, Troubetzkoy e Savickij são fascinados pela *simetria*. Para eles, um objeto existe se — ou porque — há uma estrutura simétrica”.

¹⁶ No ensaio *A geração que esbanjou seus poetas*, publicado um ano após a morte de Maiakovski, Jakobson ([1931] 2006, p. 51) retoma os versos do poeta (“não basta construir a locomotiva; faz-se rolar as rodas e ela some./ Mas se o canto não estronda na estação,/ de que adianta a corrente alternativa?”), pertencentes à “Ordem ao exército das artes”, para afirmar que “nós vivemos o assim chamado período da reconstrução, e é provável que ainda venhamos a construir muitas hipóteses científicas e locomotivas de toda espécie. Mas nossa geração já está predestinada a cumprir a penosa façanha de construir sem cantar. E mesmo que novos cantos comecem logo a ressoar, serão de uma outra geração, representados por uma outra curva do tempo. Além do mais, nada indica que tenham começado a ressoar”. Milner aponta que Jakobson havia falado da descrença de uma geração (a de Jakobson) que desperdiçava os seus poetas. Sob sua escrita, não faltavam os nomes daqueles cujas vozes houberam de se calar. “Mais que o silêncio, que tem a ver com a fala, o sintoma decisivo era a mudez que a nega” (MILNER, [1983] 2006, p. 113).